



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

**A vida ordinária inviabilizada:
o diário de Elena Skriábina
sobre o trauma do
cerco de Leningrado**

**Ordinary life made impossible:
Elena Skriabina's diary about
the trauma of the
siege of Leningrad**

Autora: Giuliana Almeida
Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
Edição: RUS, Vol. 15. Nº 27
Publicação: Novembro de 2024
Recebido em: 11/09/2024
Aceito em: 04/11/2024

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2024.229433>

ALMEIDA, Giuliana.
*A vida ordinária inviabilizada: o diário de Elena
Skriábina sobre o trauma do cerco de Leningrado.*
RUS, São Paulo, v. 15, n. 27, pp. 75-88, 2024



A vida ordinária inviabilizada: o diário de Elena Skriábina sobre o trauma do cerco de Leningrado

Giuliana Almeida*

Resumo: A escrita memorialista auxiliou a intelligentsia russa a forjar a sua identidade enquanto grupo. Muitas mulheres desse grupo se aventuraram pelo gênero memorialístico/autobiográfico e narraram suas vidas, sendo que várias dessas histórias transcorreram nas situações mais difíceis e desafiadoras. O presente artigo analisa um diário da autoria de Elena Skriábina intitulado *Cerco e Sobrevivência – A Odisseia de uma Leningradense*, que é sobre a experiência de ter sobrevivido ao cerco de Leningrado. A cidade (atual São Petersburgo) ficou cercada na Segunda Guerra Mundial durante 872 dias pelas tropas de Hitler, e seus moradores enfrentaram terríveis privações e dificuldades. O texto de Skriábina ao mesmo tempo em que fala sobre a impossibilidade de viver uma experiência que não esteja condicionada a um evento histórico, abre os olhos do leitor para a importância da narração e do registro das vidas transcorridas em meio ao turbilhão da História.

Abstract: Life writing helped the Russian intelligentsia to build its identity as a group. Many women from Russian intelligentsia embraced the memorialist/autobiographical genre and narrated their lives. Many of these lives faced challenging times. This article analyzes a diary written by Elena Skriabina - *Siege and Survival – The Odyssey of a Leningrader*, that describes the experience of surviving the Leningrad's Blockade. Leningrad (now, Saint Petersburg) was blocked by Hitler's troops in the Second World War during 872 days and its inhabitants suffered the most terrible difficulties and hardship. Skriabina's book talks about having the private life forged by History and opens the reader's eyes to the importance of the narration of individual lives lived through the whirlwind of History.

Palavras-chave: Intelligentsia; Diário; Segunda Guerra Mundial; Elena Skriábina
Keywords: Intelligentsia; Diary, World War II; Elena Skriabina

Escrita de si e intelligentsia

A

escrita memorialística é muito popular na Rússia e foi amplamente praticada no século XX. Esse século atribulado forneceu material de sobra para as mulheres e os homens, que se sentiram motivados a narrar suas vidas, que transcorreram em meio a eventos históricos traumáticos, como a revolução de 1917, o terror stalinista ou a Segunda Guerra Mundial. É importante pontuar que, além de garantir a sensação de pertencimento, o ato de registrar a vida funciona como uma maneira de lidar com as situações difíceis e com os traumas gerados por elas. Também é uma forma de resgatar a memória daqueles que não resistiram, elaborando textualmente um passado que é, acima de tudo, coletivo. E é um incentivo para o autor/a autora olhar para o futuro, pois nesses textos de escrita de si o estilo:

é o índice da relação entre o escritor e o seu próprio passado, ao mesmo tempo em que contém o projeto, orientado para o futuro, de uma maneira específica de se revelar a outrem. Com o gesto primeiro, o da memória, voltado estrategicamente para o passado, o autor se habilita a realizar o outro, com o qual projeta a sua obra no futuro.¹

Assim, as escritas de si cumprem uma função muito importante na tradição russa/soviética, que é garantir aos leitores do futuro, por meio desses textos, o acesso ao sentimento de quem teve a vida pessoal atropelada pela História compartilhado

* Doutora e Mestre em Letras (Literatura e Cultura Russa) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em História pela FFLCH-USP. Foi pesquisadora visitante na Universidade da Califórnia, Berkeley, Estados Unidos e na Queen Mary Universidade de Londres, Reino Unido. Foi duas vezes pesquisadora-bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). <http://lattes.cnpq.br/7863133561335998>; <https://orcid.org/0000-0003-0310-2283>; gjualmeida@yahoo.com.br

¹ BASTOS, 1996, p. 94.

por todos os membros dessa sociedade. A profusão de escritas de si produzidas por pessoas provenientes dos mais diversos estratos sociais e com os mais diferentes níveis de escolaridade revela que esse tipo de texto não é monopólio de nenhum grupo social específico. No entanto, pesquisas recentes indicam que a intelligentsia ainda é a classe que mais se aventura nesse tipo de escrita.

O termo intelligentsia surgiu por volta da segunda metade do século XIX e sua popularização deveu-se ao célebre escritor russo Ivan Turguêniev. O termo é difícil de definir, sendo que uma das suas particularidades era a origem distinta dos seus membros. Esses procediam de classes sociais diversas e apenas uma formação culta e uma postura ativista os aproximava.

Outro ponto importante era a presença das mulheres nas suas fileiras. Se no século XIX elas eram menos numerosas do que os homens, ainda que presentes, no século XX elas se tornaram protagonistas do grupo principalmente após a morte de Stálin, em 1953, quando se destacaram na luta pela desestalinização da União Soviética e saíram em defesa dos escritores e escritoras perseguidos/as pelo Estado. Assim, o compromisso com a ação política era o que forjava o laço entre os membros desse grupo.

Durante o século XIX, o principal traço da intelligentsia foi a sua oposição à autocracia russa e a todas as perversidades perpetradas por ela (servidão, censura, castigos corporais). A grande missão autoatribuída da intelligentsia era chamar a atenção para as injustiças promovidas pelo regime. No século XX essa postura combativa permaneceu e tomou a forma de uma espécie de resistência às tendências totalitárias do Estado Soviético, que se intensificaram a partir da década de 1930.

Assim, incorretamente, este termo foi utilizado como sinônimo de intelectuais, mas esta associação é imprecisa, pois não há necessariamente, como a literatura sobre o assunto indica, uma fusão entre o intelectual e o intelligent. Se no século XIX, por exemplo, o intelectual fosse apoiador do tsarismo, ele jamais seria aceito no círculo da intelligentsia, que se dedicava à leitura e à apreciação crítica de textos proibidos pelo regime.

Portanto, além do compromisso com a ação política, o que forjava o laço entre os membros desse círculo e criava a noção de pertencimento era o repertório cultural ao redor do qual esse grupo se formava. A leitura e o debate dos textos relevantes sobre a vida na Rússia eram as principais atividades da *intelligentsia* e a participação nessas atividades era o que transformava uma pessoa em um *intelligent*.

Entre os gêneros textuais apreciados pela *intelligentsia* russa destacava-se a escrita memorialística. Como afirma a pesquisadora Irina Paperno, argumenta-se que o gênero intitulado ‘memórias de contemporâneos’ – a memória focada em uma experiência compartilhada de um período histórico – teve um papel crucial na construção da identidade e comunidade da *intelligentsia* russa dos seus primórdios, nos séculos XVIII e XIX, à época soviética.²

A escrita memorialística emprestou uma autoconsciência e uma sensação de pertencimento histórico para a *intelligentsia*. Portanto, se a escrita de si é uma prática muito comum entre os russos/soviéticos no seu conjunto, ela é especialmente significativa para a *intelligentsia*, para quem tal forma de escrita é um importante instrumento cultural capaz de forjar a sua identidade enquanto grupo.

A escrita memorialística e o protagonismo das mulheres

É interessante atentar para o fato de que inúmeras mulheres da *intelligentsia* se aventuraram pelo gênero memorialístico/autobiográfico e narraram suas vidas. Muitas dessas histórias transcorreram em situações extremas e são exemplos de resistência e perseverança em meio ao caos e à destruição.

Um exemplo bastante ilustrativo pode ser levantado a partir de um evento da história russa do século XX que consistiu em uma grande tragédia nacional. Trata-se do cerco de Leningrado, que ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial e submeteu os moradores da cidade às mais terríveis privações e dificuldades.

² PAPERNO, 2009, p. 11.

Iniciada em 1939, a Segunda Guerra Mundial mobilizou a sociedade soviética desde o momento em que foi declarada, minimizando as fraturas sociais que se tornaram inevitáveis com a Revolução e, principalmente, que se intensificaram no período do terror stalinista. Esse sentimento genuíno de comunidade e união se fortaleceu ainda mais em junho de 1941, quando os alemães atravessaram a fronteira soviética e o ministro Molotóv falou pela primeira vez em “Guerra Patriótica” (até hoje a Segunda Guerra é lembrada na Rússia como “Guerra Patriótica” e a data da capitulação das forças nazistas ante as tropas soviéticas, celebrada no dia 9 de maio, é um dos feriados mais importantes do país).

Em 16 de setembro de 1941, os alemães chegaram aos portões de Leningrado (atual São Petersburgo). De 8 de setembro de 1941 até 27 de janeiro de 1944, num total de 872 dias, os invasores isolaram a cidade de todas as fontes de comida e combustível, levando à morte aproximadamente 1,4 milhão entre moradores e pessoas que defendiam a cidade. Por volta de um terço da população de Leningrado morreu de fome ou de doenças causadas pelas difíceis condições de vida impostas pelo cerco, que foi finalmente rompido em 1944.

Este episódio (um dos muitos traumas da história da União Soviética) foi evocado em inúmeros textos de escrita de si produzidos nos mais diferentes estilos/gêneros: memórias, autobiografias, diários, notas, autoficção, etc. A bibliografia sobre as escritas de si é extensa, e incontáveis são as polêmicas em torno de cada um desses gêneros. Um incontornável ponto de partida para discuti-los é a definição proposta por Philippe Lejeune, em 1975, para a autobiografia. Nas suas palavras, trata-se de: “um relato retrospectivo escrito em prosa que uma pessoa real faz de sua vida”³. Para Lejeune, a verossimilhança desse “relato retrospectivo” se estabelece por intermédio de um pacto, firmado entre o autor e o leitor do texto autobiográfico, que assume a forma de um contrato que o primeiro oferece ao segundo através da capa da sua autobiografia assinada com o seu nome. Assim, o carimbo que confere autenticidade

3 LEJEUNE, 1975, p. 27.

ao pacto de compromisso com uma narrativa “verdadeira” é a assinatura (nome próprio) do autor da autobiografia.

Lejeune defende a tese que a categoria do autor é imprescindível para se pensar o gênero autobiográfico. O texto autobiográfico enfatiza o que ocorreu e reconstitui a história da personalidade do seu autor. O conceito de identidade desponta como fundamental e pode ser comprovado através do nome próprio – uma existência civil passível de ser constatada empiricamente. Dessa maneira, personagem, narrador e autor necessariamente se identificam no relato autobiográfico.

Essa definição de texto autobiográfico que destaca a categoria do autor se assemelha à definição do gênero “diário” proposta por outro teórico francês (também na década de 1970), que nos auxilia a analisar a escrita de si mais recorrente durante o período do cerco de Leningrado: a “diarística”. Assim, segundo Alain Girard, o que determinaria essa escrita é, em primeiro lugar, sua característica regular e fragmentária, e em segundo lugar a centralidade do autor/da autora, que observa e narra os acontecimentos à sua volta e as suas próprias impressões e sentimentos.

Estudiosos apontam que há muitos textos sobre a experiência do cerco de Leningrado escritos na forma de diário. Nas palavras Leon Goure: “os habitantes de Leningrado [leningradenses] pareciam ter uma espécie de senso histórico e, muitos deles, independentemente do estilo de vida, mantiveram diários durante esses anos penosos”.⁴ Por um lado, os leningradenses deixaram registradas as suas experiências por acreditarem no valor histórico das mesmas, e por outro lado atestaram o seu pertencimento à comunidade de habitantes da cidade cercada. Paralelamente, muitos reforçaram seus vínculos com a comunidade da intelligentsia.

É importante ressaltar que as mulheres se destacaram nessa seara memorialística, pois um número considerável das que pertenciam ao grupo da intelligentsia produziu textos de escrita de si (muitos deles na forma de diários) durante esses anos penosos. Pesquisas futuras que olhem para as mulheres

4 GOURE, 1972, p. 432.

da intelligentsia são bem-vindas e devem ser feitas para que a atuação delas seja cada vez mais conhecida. No presente, podemos levantar algumas hipóteses que possam explicar quais fatores contribuíram para a grande produtividade literária das mulheres soviéticas na época da Segunda Guerra.

Já foi mencionado neste artigo o fato de as mulheres soviéticas terem se tornado uma força de resistência importante à escalada autoritária do Stalinismo na década de 1930. Lídia Guinsburg, Lídia Tchukovskaia, Nadejda Mandelstam, Anna Akhmátova, entre muitos outros nomes que poderíamos elencar aqui, se tornaram uma espécie de farol da intelligentsia soviética na passagem da década de 1920 para a década de 1930.

O número expressivo de textos escritos por mulheres da intelligentsia no período da Segunda Guerra também pode ser explicado pelo fato de os homens terem sido mandados em grande número para lutar no front, e as cidades soviéticas terem se tornado espaços habitados predominantemente por mulheres e crianças. Como escreveu a vencedora do prêmio Nobel Svetlana Aleksievitch, “a vila da minha infância depois da guerra era feminina. Das mulheres. Não me lembro de vozes masculinas. Tanto que isso ficou comigo: quem conta a guerra são as mulheres. Choram. Cantam enquanto choram”.⁵

Assim, as mulheres foram especialmente produtivas como autoras de diários e de outros textos memorialísticos sobre a experiência do cerco de Leningrado em função do dado objetivo de terem permanecido na cidade em maior número. Muitas mulheres soviéticas foram incorporadas ao exército e lutaram na Guerra, um grande número delas se dispôs a lutar pela pátria de forma voluntária, mas ainda assim o exército era uma instituição majoritariamente masculina, portanto mais homens foram mandados para a guerra e deixaram a cidade.

Por fim, também é possível levantar uma hipótese baseada nas expectativas que as sociedades patriarcais historicamente depositam sobre o gênero feminino. Nessas sociedades, diversas instituições colaboram para forjar uma forma de ser e

⁵ ALEKISIÉVITCH, 2016, p. 10.

estar no mundo lícita e desejável para as mulheres, que historicamente ocupam o papel de cuidadoras dos homens e das crianças. Esse hábito de zelar pelos outros contribuiu para que muitas mulheres soviéticas e leningradenses produzissem textos voltados para a preservação da memória de maridos e filhos que partiram ou pereceram durante os trágicos anos da guerra. Por conseguinte, mais do que falar de si próprias, muitas mulheres se aventuraram na escrita “diarística” (ou memorialística de forma geral) motivadas por um sentimento de generosidade e cuidado com o outro.

Elena Skriábina

Nesse ponto da nossa reflexão nos deteremos com mais cuidado em um texto “diarístico” de autoria da leningradense Elena Skriábina.

Elena Skriábina nasceu em 1906, em Novgorod, e morreu em 1996, nos EUA. Ela cursava pós-graduação em Francês na Universidade de Leningrado, estava casada e já era mãe de dois filhos quando começou o cerco de Leningrado. Em dois livros - *Cerco e Sobrevivência* e *Depois de Leningrado* – escreveu sobre as dificuldades que enfrentou durante a época do cerco e da Segunda Guerra. Conseguiu exílio nos EUA, onde se tornou professora emérita de russo na Universidade de Iowa e trabalhou até o final da sua vida.

O texto de Skriábina foi escrito na forma de diário, e todo parágrafo é antecedido por uma data (o dia e o mês em que aquela entrada foi escrita). Assim, em *Cerco e Sobrevivência* nos deparamos com entradas regulares nas quais a autora descreve os acontecimentos do dia-a-dia vivenciados por ela. No diário, as emoções da protagonista são mais cruas e mais detectáveis por causa da urgência e do imediatismo da escrita. Além disso, o hábito que está por trás dessa prática nos parece refletir a necessidade da busca de uma regularidade na rotina diante de uma realidade marcada pelo signo da destruição e do caos. É como se, em meio a tanta imprevisibilidade, a autora buscasse ao menos um momento de previsibilidade

na sua (anti)rotina: o momento em que ela se sentava em sua casa e escrevia alguns parágrafos/linhas no seu caderno.

A ideia da impossibilidade de viver uma vida que não esteja condicionada a um evento histórico aparece em *Cerco e Sobrevivência – A Odisseia de uma Leningradense* já no título. Isso porque nele nos deparamos com a palavra *leningradense*, e o peso atribuído ao fato de ela ser uma leningradense e de compartilhar com os outros conterrâneos a experiência comum do cerco é algo central para a formulação da identidade da autora, que no caso dessa obra lança mão do procedimento de escrita em primeira pessoa e da estipulação da correspondência entre autor, narrador e personagem.

A ideia de ser leningradense engendra um senso de pertencimento a uma comunidade de pessoas que executava uma função histórica. Essa ideia aparece com muita força no texto de Elena Skriábina em passagens como essa: 30 de junho – Hoje, quando passei pelo mercado, mais uma vez encontrei Bolkhovskoi. Em Leningrado, nós não éramos conhecidos próximos, mas no presente nós nos cumprimentamos como velhos amigos. Tudo o que sofremos de alguma forma aproximou os habitantes de Leningrado de uma maneira especial. Por isso a palavra leningradense tem um significado especial para nós.⁶

O que a passagem citada e o próprio título da obra sugerem é que o trauma histórico ocasionado pelo cerco acabou fornecendo um novo senso de identidade a esse grupo que antes da experiência apenas habitava a mesma cidade, mas que depois da experiência reforçou seu senso de comunidade e passou a assumir com orgulho o título de “leningradense”.

Para além da ideia de leningradense há outros temas recorrentes no texto de Skriábina, como a questão da fome. A obsessão por comida aparece não só em *Cerco e Sobrevivência*, mas também em muitos diários e em outros tipos de textos memorialísticos escritos pelos habitantes de Leningrado. A fome intermitente, as longas filas para a troca de cupons por quantidades irrisórias de alimento às quais as pessoas tinham

6 SKRIÁBINA, 1972, p. 124.

direito, o mal-estar constante e o risco de morte iminente contribuíram para que os habitantes de Leningrado organizassem as suas rotinas em torno de um só motivo de interesse: a comida. No texto de Skriábina encontramos passagens como a seguinte: “5 de setembro – nós voltamos às épocas pré-históricas: a vida se reduziu a apenas uma coisa – a caça por comida”.⁷ Em outra passagem de seu diário encontramos a reflexão: 3 de outubro – a porção diária de pão é de 125 gramas para os trabalhadores intelectuais e seus dependentes, e 250 gramas para os trabalhadores braçais. Nossa porção (125g) é pequena até mesmo para fazer um sanduíche. Agora nós começamos a dividir o pão entre todos os habitantes da casa – todo mundo quer comer o seu pedaço da maneira que bem entender. Por exemplo, minha mãe tenta dividir o seu em três pedaços, já eu como o meu pedaço de uma só vez depois do meu café matinal. Fazendo desse jeito eu ao menos tenho força no começo do dia para resistir em pé em filas, ou para conseguir coisas barganhando com os outros. Entretanto, na segunda metade do dia eu perco todas as minhas forças: tudo o que eu consigo fazer é ficar deitada.⁸

Há ainda passagens muito impactantes nas quais a autora chama a atenção para a desumanização geral dos habitantes da cidade: “8 de outubro – as pessoas praticamente se transformaram em animais diante dos nossos olhos”,⁹ e “8 de outubro – quase todo mundo mudou em função da fome, do cerco e dessa situação desesperadora. O meu marido me surpreende. Ele se mantém a uma grande distância de todos aqueles que perderam a solidariedade e a humanidade”.¹⁰

Outro ponto que é central no texto de Skriábina é o fato de o cerco inviabilizar qualquer tipo de vida ordinária, a ponto de reduzir todas as vidas que se passam dentro dele a um destino único, comum e inescapável. Essa constatação se desdobra quase em uma apatia da parte das mulheres e homens que,

7 SKRIÁBINA, 1972, p. 24.

8 SKRIÁBINA, 1972, p. 26.

9 SKRIÁBINA, 1972, p. 31.

10 SKRIÁBINA, 1972, p. 32.

inseridos naquela realidade, não enxergavam saídas possíveis – “28 de dezembro – todo mundo está apático, fraco, exausto ao ponto da total indiferença em relação a qualquer coisa que possa acontecer”.¹¹

Assim, Skriábina nos comove com passagens como a que se refere aos habitantes da cidade como “mortos-vivos” e à morte como o único destino que se desenhava no horizonte das pessoas que haviam permanecido em Leningrado: 5 de novembro – a morte reina na cidade. As pessoas morrem e morrem (...). As pessoas estão tão fracas por causa da fome que elas estão completamente indiferentes à morte. Elas morrem como se estivessem adormecendo. Esses mortos-vivos que ainda estão por aí nem mesmo prestam atenção a elas. A morte se tornou um fenômeno observável em cada esquina. As pessoas estão acostumadas a ela. Elas estão apáticas, sabendo que esse destino espera a todos, se não hoje, amanhã.¹²

Ainda sobre a primazia da morte escreve Skriábina: “26 de novembro – Você observa a morte tão próxima todos os dias que você para de reagir a ela. O sentimento de pena se esvaneceu. Ninguém se importa. A pior coisa é a dura constatação de que dificilmente escaparemos desse destino comum”.¹³

A morte é a imagem que desponta o tempo todo no texto porque é ela que melhor sintetiza a sensação de vazio, ausência de sentido e absurdo que o cotidiano do cerco impõe às suas vítimas: “12 de fevereiro – eu fiquei o dia todo em um estado de total confusão. Acreditei em vão que romper o cerco seria o suficiente. Então a vida seria mais fácil. Eu cheguei à conclusão de que é a mesma coisa em todo lugar – fome, destruição, doença e morte. Não sobrou nada”.¹⁴ Mas, se quase não sobrou nada, por outro lado a necessidade de narrar persistiu, e a autora/narradora/personagem engendrou uma luta pela sobrevivência que se manteve mesmo diante de tanto ceticismo.

11 SKRIÁBINA, 1972, p. 49.

12 SKRIÁBINA, 1972, p. 39.

13 SKRIÁBINA, 1972, p. 41.

14 SKRIÁBINA, 1972, pp.71, 72.

Skriábina era uma mulher casada, mãe de dois filhos, que completava seus estudos de pós-graduação em francês na Universidade de Leningrado na época do início do cerco. A primeira parte do seu diário retrata a apreensão dos dias que antecederam ao cerco. Mas mesmo com a ameaça pairando sobre a sua cabeça e a de seus familiares, em um primeiro momento ela optou por permanecer na cidade, sem se dar conta de que com essa decisão estava se precipitando para dentro de uma “ratoeira”. A imagem da “ratoeira” é utilizada por ela mais de uma vez no texto, e é recuperada mesmo quando ela, por fim, decide deixar a cidade rumo ao Cáucaso e a fuga se torna igualmente difícil e trágica. A ideia de que tudo era igual por toda parte, já que a fome e a destruição se abateram por uma grande porção do território da União Soviética, gerou nela um sentimento de pena “por nós e por todos os outros presos na ratoeira”.¹⁵

Esse livro tem uma continuação, um segundo diário, que trata da vida no Cáucaso, onde em 1942 ela foi capturada pelos alemães e passou por novas provações. Na década de 1950, ela emigrou para os Estados Unidos, onde se tornou professora universitária, publicou seus livros e permaneceu até a data da sua morte.

O “EU” forjado pela História

O que chama a atenção no texto de Elena Skriábina é a sensação de total engolfamento em um evento Histórico que engendra a totalidade da vida. Assim, no diário de Skriábina nos deparamos com um eu limitado e acossado pela História, com o esvaziamento do indivíduo e com a valorização da experiência comum compartilhada pelo grupo humano que habitou um determinado lugar num determinado período e foi submetido às vicissitudes da História. Assim, a experiência do cerco inviabilizou qualquer tipo de vida ordinária, ou mesmo de vontade própria, e a submissão a um evento histórico de grandes proporções levou ao aniquilamento do eu e ao desaparecimento do indivíduo.

15 SKRIÁBINA, 1972, p. 50.

O texto analisado no presente artigo expressa a sensação de viver à mercê de acontecimentos históricos incontornáveis. Assim, é interessante notar o quanto a escrita “diarística” de Elena Skriábina se contrapõe a uma das definições de “Diário” que foi proposta pelos teóricos precursores do gênero. O já citado autor francês Alain Girard escreveu: “a ênfase é posta pelo autor sobre sua própria pessoa. Mesmo se ele evoca eventos exteriores, mesmo se ele se anima a propósito do encontro de uma outra pessoa, ou de uma conversa, ou de toda a circunstância que põe em evidência o outro, não é o evento, nem o outro, neles mesmos, quem interessa ao redator, mas somente a sua ressonância, ou, ainda, sua refração em sua consciência. Nem os outros, nem a sociedade, nem o mundo têm para ele existência própria. O objeto não tem realidade enquanto tal. Não é mais do que uma ocasião que desperta o sujeito para a vida. Dito de outra forma, a interioridade é ali dominante”.¹⁶

No caso de *Cerco e Sobrevivência*, como pudemos constatar por meio dos exemplos levantados, a ênfase que há no texto aponta para uma direção oposta à que o teórico francês preconizou para a escrita “diarística”. A escrita de Skriábina não se preocupa em enfatizar aquilo que é essencialmente individual, ao contrário, destaca aquilo que é comum, coletivo, um passado trágico que pertence a todos. Assim, antes de se tratar de um eu ou de uma interioridade que se pretende excepcional, este eu “forjado” pela sua época que emerge de um texto como *Cerco e Sobrevivência* perde até mesmo a clareza sobre si próprio e transcende seus domínios rumo à coletividade.

A guisa de conclusão, podemos sugerir que as mulheres soviéticas como Elena Skriábina nos ensinam que narrar é tanto uma maneira de atravessar tempos difíceis, quanto um recurso para recuperar os contornos de um “eu” que contém na sua individualidade a essência do agrupamento humano do qual esse “eu” faz parte. Se para as vítimas das tragédias da História Soviética impera um sentimento de impotência, de exasperação e de impossibilidade de viver uma vida ordinária diante da força centrípeta do momento histórico, por outro

16 GIRARD, 1963, p.4.

lado, registrar a vida que resiste e urge mesmo em meio à barbárie é uma forma de quebrar o ciclo de violências e restituir à coletividade a sua humanidade.

Referências bibliográficas

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BASTOS, Hermenegildo José de Menezes. *Memórias do Cárcere, Literatura e Testemunho*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996. Tese de Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada [acesso 2024-08- 23].

GIRARD, Alain. *Le journal intime*. Paris: P.U.F, 1963.

GOURE, Leon. "Review: Siege and Survival, the Odyssey of a Leningrader by Elena Skjarbina", in *Slavic Review*, Vol 31, Nº2 (Jun. 1972).

LEJEUNE, Philippe. *Le Pacte Autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

PAPERNO, Irina. *Stories of the Soviet Experience. Memoirs, Diaries, Dreams*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2009.

SKRJABINA, Elena. *Siege and Survival. The Odyssey of a Leningrader*. Illinois: Souther Illinois University Press, 1971.